

INGLESAS

VIRGINIA WOOLF — ELIZABETH BROWNING — KATHERINE MANSFIELD

O Dia – 22 de março de 1936.

Republicado em: O Dia – 24 de fevereiro de 1937, L1/76v.

A literatura feminina na Inglaterra possui as suas vantagens sobre a literatura feminina em França.

A escritora inglesa parece-nos, à primeira vista, mais austera que a francesa, preferindo mesmo temas mais severos com que possam superar os adversários do sexo oposto.

Em terras de França, com exceção de Madame de Stael, as demais mulheres que tentaram a vida nas letras, se não fracassaram, pelo menos, não conseguiram transpor as barreiras que as levariam à posteridade.

Ao passo que, na velha Inglaterra, a divulgação das idéias de Virgínia Woolf, o sucesso dos poemas e dos livros de Mistress Browning e a acolhida aos contos tristes de Katherine Mansfield permitem afirmar que a nomeada dessas escritoras admiráveis atingiu o extremo.

Virgínia Woolf, Elizabeth Browning e Katherine Mansfield são três notas maravilhosas das letras britânicas!

Cada uma apresenta formação particular. Os estudos da primeira contrastam com os contos da terceira e os versos da segunda. Woolf é acima de tudo feminista e tudo faz para vivificar a fé que ela possui nas energias da mulher moderna. Elizabeth, tal qual o seu marido Robert Browning, viaja pelo sofrimento dos semelhantes e escreveu humanamente, sem preocupação preconcebida de se dirigir

a este ou àquele sexo. Foi mais universalista. Katherine, ao contrário, é uma voz interior que grita angustiosamente a sua dor, que transborda a sua angústia, que revela a inquietude de uma alma nascida para a paz e detestando os homens, por não saberem eles compreender uns aos outros, vivendo na eterna luta de paixões medíocres para um espírito angélico elevado pelos grandes ideais de libertação espiritual.

Essas três figuras de mulher são três consciências em procura de estabilidade. Diferentes entre si, cada uma delas procura alhear-se o mais possível. Frágeis, sensíveis, irmanadas pelo ideal idêntico de superar os instintos bárbaros, opondo a eles fórmulas de um moralismo excessivo, duas delas, tuberculosas já na mocidade e conhecendo de perto o valor intrínseco do sofrimento, foram demasiado humanas para a nossa época. Três figuras místicas e emotivas.

Virgínia Woolf suspirando por um mundo melhor organizado onde a mulher substitui o amor pela força bruta. Mistress Browning, considerada por muitos a maior poetisa do tempo, reagindo contra a tuberculose precoce, como Katherine Mansfield, elevou-se até o amor como ponto final de sua expansão artística. A última delas, a cerebral Katherine, largada sozinha em Londres ainda criança, mais sensível do que as outras, existiu pensando na morte e morreu pensando na vida que não pôde viver.

II

O ritmo do tempo presente influi de tal forma na personalidade do escritor moderno que é quase impossível abandonar de todo as formas de vida que condicionam a nossa existência.

Contam-se sem dúvida por centenas os escritores que em todas as literaturas se afastam das tendências que a sociedade, em sua evolução contínua e natural, aos poucos vai impondo. São esses os reacionários-românticos de todas as civilizações que fundem nas imagens poéticas o ideal de libertação artística.

Por outro lado, com efeito, contam-se milhares de escritores, em todas as literaturas de todas as terras, que procuram, na atualidade que vivem, o ideal de formas estéticas

puras, o reflexo da alegria e do sofrimento, a sensação do ar que se respira, os aspectos mais coloridos, as forças vivas do espírito, a exaltação que está no próprio conjunto do organismo social. São esses os atualistas, apegados mais à realidade do que à fantasia, que fundem as imagens poéticas nas fórmulas científicas e tiram as suas idéias do conhecimento do sentido do mundo no qual vieram a nascer.

Existem sempre duas mentalidades novas: a dos conformados e a dos que não se conformam. E a ordem social é vítima freqüente dos ataques dessas duas mentalidades que, na verdade, pretendem com energia desviar os rumos da civilização e afirmar princípios de vida e concepções filosóficas que julgam autênticas por seguirem juntas à realidade cósmica. Ao lado dessas duas formações intelectuais, existe, porém, uma terceira, mais displicente e mais firme nas convicções que a sustentam, que é essa mentalidade anti-moderna, em conflito constante com a ciência, na defesa da inteligência, da razão e da fé.

A essa terceira mentalidade pertencem as escritoras inglesas Woolf, Browning, e Mansfield. Elas falam com o coração. Usam do cérebro, mas o cérebro nelas traduz esplêndida e exaltada paixão, paixão pelo homem, pelo universo e pela figura de Deus, em todas elas, escondida nas fibras de uma alma cujas tendências para o infinito purificam o pensamento e exaltam a grandeza de viver.

O amor é o índice da vida. Residindo no coração, o coração é o centro do orbe.

Ele fixa as nossas atitudes diante de tudo e tudo resolve no sentido de alargar a felicidade social. No amor está a suprema libertação. O amor é tudo que liberta o homem. O amor transcende a arte. Projeta-se no vácuo do infinito, condensa-se na atmosfera social, emerge do coração humano. No amor estão o segredo divino da vida eterna e o mistério sagrado da filosofia perene.

III

A dor da mulher é para Virgínia Woolf superior ao sofrimento universal.

O seu livro “A Room of One’s own”, escrito quando Virgínia estava dominada por esse estado de espírito, é um lindo libelo contra a condição da

mulher, na sociedade humana. A mulher não tem ainda o direito de viver, de expressar-se, de traduzir a beleza de um pensamento elevado, de, mesmo, como “mãe espiritual” que ela não deixa de ser, criar tradições de independência moral e de coragem humana. É pequena a energia vital da mulher porque ela pensa conforme a ensinaram, porque ela vive conforme lhe ordenaram, obedecendo, passivamente, as vozes da família, da mãe, do pai e dos avós. Seria inútil para a humanidade que todos pensassem da mulher como dela pensou Wolfgang Goethe, que todos a elevassem como Goethe em “Werther”. É preciso que ela não fale somente ao homem através dos sentidos, que as forças enérgicas da alma imperem entre o homem e a mulher e a harmonia se estabeleça dando à vida o esplendor que ela merece. A vida exterior e a vida interior devem ser uma e mesma coisa.

Elizabeth Barret Browning, viajando pela Itália, percorrendo as ruas tortuosas da Florença imortal, foi espalhando os versos que haviam de perenizar o seu nome, através das sucessivas gerações. Inspirada por Dante e Petrarca, fez ressurgir em seus poemas a mulher, a Beatriz, a epopéia da mulher amada e da mulher que sabe amar e venerar. Ao revés de Virgínia Woolf, nunca conseguiu acreditar na inferioridade do seu sexo. A inspiradora de “Vita Nuova” falava bem alto aos seus sentimentos. Ela – Elizabeth – é assunto inesgotável para quem a queira compreender. Chesterton esqueceu-a, afastou-a o quanto pôde do livro em que estudava a personalidade de Robert. Não teve um biógrafo à altura de seu espírito de artista. Viveu na maior contemplação. No seu isolamento – no isolamento a que tuberculose incurável a obrigava – ela procurou escrever com a alma e falar com a alma para que toda gente a entendesse. Cada poema publicado, cada verso escrito, cada estrofe composta era um hino de doçura e um apelo ao que o homem tem de superior. “Aurora Leigh” é uma estupenda conquista moral. Sua existência foi suave. O sofrimento que a atormentava não a podia amedrontar porque era humano, bastante humano para ser eterno. Há de ser eterna também a mocidade de Elizabeth Barret Browning.

Katherine Mansfield só difere de Mistress Browning em sua tristeza e falta de esperanças. O seu ideal era terminar a obra já iniciada em seu espírito. Por isso temia

a morte, fugia da morte e ao mesmo tempo temia a vida e tentava fugir da vida. Veio da Nova Zelândia para Londres confiando no acaso que havia de a proteger. Viveu presa ao mar como a dançarina Isadora Duncan, sentindo os fluxos e os refluxos, os vais-vens monótonos e inconstantes. O afastamento do mar parece ter sido a causa íntima da tristeza que a acompanhou em sua peregrinação curta pela Terra. Em suas novelas e contos nada de extraordinário se nota. São comuns. A gente que descreve também comuns. O que há neles de original é o sentido humano das coisas triviais e de importância nenhuma. Ana M. Berry, uma de suas maiores admiradoras, fixa bem esse ponto dos contos curtos e das novelas de Mansfield quando diz: “ocupar-se de vidas anônimas, opacas, fugir do imponente e do vistoso, fazer surgir a paisagem, cuidar do detalhe, valer-se do estilo sem ênfases ou ressonâncias, não são as normas da prosa de nossos dias?” André Maurois não faz justiça quando traça o seu retrato no livro “Magiciens et Logiciens”. É por demais supersticioso e não consegue penetrar o espírito que animou Mansfield.

IV

Que vida mais admirável que a desses vultos inquietos da literatura feminina da Grã-Bretanha? Que vida e que obra mais imponentes?

Virgínia Woolf, das três, a que se deixa levar mais para a mediocridade, não deixa de ser extraordinária em querer mostrar a superioridade da mulher pelo muito do amor que ela consigo carrega, como fardo pesado mas não incômodo.

Foi mais superficial do que as outras. Não chegou ao fundo das coisas. Não sentiu a realidade total dos fenômenos da vida. Apenas batalhou com inteligência contra o que julgava uma afronta: a inferioridade da mulher.

Com Elizabeth Browning, sonhamos acordados o sonho da beleza da vida. Em êxtase nos transporta ao paraíso que ela podia julgar a sua Florença, mas, para nós, não é deste mundo. Vivendo intensamente, integrou-se no divino pela beleza, transportou-se ao além pela beleza do sofrimento.

Katherine Mansfield teve por missão conciliar a vida e a morte pelo sopro divino. Viveu e morreu sentindo a grandeza do destino humano.